

Dimensões da intersubjetividade

Organizadores: Nelson Coelho Junior, Pedro Salem, Pela Klautau
(textos de Alfredo Naffah Neto et al)

Editora: Escuta/Fapesp, São Paulo, 2011

Resenhado por: Veridiana Canezin Guimarães¹

Os artigos que compõem o livro *Dimensões da intersubjetividade* articulam-se em um eixo que envolve o tema da alteridade e a busca da compreensão de relações intersubjetivas. Embora a temática da intersubjetividade não tenha uma base propriamente psicanalítica, os autores buscam demonstrar sua fertilidade e imbricações teóricas e práticas. O livro debate a possibilidade de apreensão da experiência subjetiva por base em atividades de pesquisa, ensino e olhares interessados em novas (e velhas) configurações psíquicas inerentes às experiências clínicas.

O artigo de abertura – *Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade*, de Nelson Coelho Junior e Luís Claudio Figueiredo, situa o campo epistemológico da temática e tem instigado debates e simpósios que desencadearam essa produção teórica. Organizado em quatro seções temáticas, apresenta quatro matrizes. A primeira matriz refere-se à intersubjetividade transubjetiva, que sustentada por dimensões pré-subjetivas de existência percorre caminhos filosóficos apoiando-se em concepções de Scheler, Heidegger e Merleau-Ponty. A segunda matriz, intersubjetividade traumática, considera que a alteridade sempre precede e excede o eu e a experiência de relação com o outro é essencialmente traumática. Nesta matriz, inserem-se Freud, Lévinas, Ferenczi e Laplanche com teorizações psicanalíticas acerca da alteridade enquanto um acontecimento traumático. A terceira matriz, intersubjetividade interpessoal, é pautada pela compreensão de interações humanas entre organismos diferenciados. A quarta matriz – intersubjetividade intrapsíquica – trata das experiências intersubjetivas no *interior* das subjetividades, dimensão explorada por Freud a partir da segunda tópica – id, ego e superego.

Na primeira seção temática, Intersubjetividade e Corporeidade, o artigo de Alfredo Naffah Neto – “Sobre a elaboração imaginativa das funções corporais: corpo e intersubjetividade na constituição do psiquismo” examina, na esteira do pensamento de Winnicott, a elaboração imaginativa das funções corporais que se institui na relação de exploração e fruição dos objetos, na constituição de um espaço que realiza a mediação *entre o dentro e o fora*, em termos do que Winnicott nomeia de espaço potencial. Esse espaço psíquico, essencialmente mantido pelo cuidado e

1 Psicóloga clínica. Doutora em Psicologia Clínica – UnB.

sustentação materna seria o *locus* revelador de todo processo de criação e de relação com os objetos da cultura. No artigo de Silvia Maria Zornig – “Silêncio e narrativa: reflexões sobre a clínica psicanalítica na infância” – a temática da intersubjetividade aparece relacionada a narrativas. A autora entende que a criança ao narrar sua história inaugura uma temporalidade dialética entre o passado e o presente, podendo refletir sobre sua própria história. Na esteira do pensamento de Winnicott, considera necessário alcançar dimensões não verbais, presentes antes do nascimento, a partir da musicalidade da voz maternal, do toque, do cuidado que o outro lhe oferece e à identificação do adulto em relação às necessidades afetivas do bebê. Nelson Coelho Junior, no artigo “Intersubjetividade e corporeidade: dimensões da clínica psicanalítica” discute a corporeidade como elemento fundamental da clínica psicanalítica, propondo articular a dimensão pulsional da corporeidade e a dimensão relacional, intersubjetiva. O autor enriquece o debate ao insistir numa leitura freudiana acerca do lugar da corporeidade da teoria e clínica psicanalítica, mantendo a relação dialética constitutiva das relações (inter) subjetivas.

Na segunda seção do livro, *Intersubjetividade e Psicopatologia*, o artigo “O uso da empatia em casos e situações-limite” de Perla Klautau, analisa a empatia como ferramenta clínica que possibilita ampliar o horizonte de intervenção. Com o uso da empatia, o analista teria acesso à qualidade dos afetos que circulam na sessão, apostando na possibilidade de compreender os conteúdos não verbalizados. De toda forma, a autora esclarece que é necessário pensar no limite não só do alcance da interpretação, mas também do próprio uso da empatia. Julio Verztman, em seu texto “A melancolia e o olhar: uma clínica contemplativa” trata da especificidade do encontro clínico com sujeitos melancólicos visando entender as atuais configurações subjetivas. A denominada clínica contemplativa constituiria uma via de encontro do analista com o paciente por meio da contemplação de um aspecto da realidade, procedimento que permitiria um vínculo mais estável do melancólico com o mundo. O artigo “A experiência subjetiva da lesão cerebral: atopia, identidade e intersubjetividade” de Monah Winograd e Flávia Sollero-de-Campos, expressa o interesse dos autores pelo estudo e atendimento de pacientes com lesão cerebral a partir da apresentação de um modelo de trabalho psicoterapêutico, ressaltando a função clínica de auxiliar o sujeito na construção de um novo lugar por meio de uma nova normatividade.

Na terceira seção do livro, “Intersubjetividade e Constituição do Eu”, o artigo “Subjetividade e intersubjetividade no desenvolvimento infantil”, do autor Philippe Rochat sustenta a premissa de que existe uma propensão primária para a intersubjetividade, uma capacidade humana para experiências compartilhadas com outros. Essa habilidade em compartilhar com outros reside, eminentemente, em uma subjetividade e intersubjetividade corporificadas inatas. Claudia Passos-Ferreira, no

artigo “Intersubjetividade e autoconsciência”, baseada nos referenciais winnicotianos, coloca em pauta a relevância dos processos intersubjetivos no desenvolvimento da autoconsciência e da gênese do eu. Nessa perspectiva, o sujeito apenas pode construir uma referência sobre si a partir das relações entre o eu, o intérprete e o mundo, construindo uma *intersubjetividade terciária*. O artigo “Imitação e intersubjetividade: modalidade de defesa e prazer”, de Pedro Salem apropria-se das ideias de Ogden e Roussillon, de diversos estudos sobre a percepção na filosofia e das neurociências para discutir o tema da imitação na constituição psíquica. A imitação consiste num modo de relação de objeto primitiva, um fator subjetivante e não uma mera modalidade de defesa. A perspectiva do autor é a de que as valorizações dos fenômenos imitativos favorecem espaços de investigação para ampliar as possibilidades de lidar com os impasses clínicos atuais. Paulo de Carvalho Ribeiro, por meio de seu artigo *Imitação precoce e constituição psíquica*, expressa sua posição contrária às concepções inatistas na constituição psíquica. Entende que o bebê não nasce dotado de recursos perceptuais e de capacidade inata e que antes da existência de uma instância psíquica, a constituição do Eu requerer a imitação do olhar do outro, despertando para a intersubjetividade.

Na última seção do livro, “Intersubjetividade e clínica psicanalítica”, Bruce Reis em seu artigo “Compartilhando a intersubjetividade: novos fundamentos filosóficos para uma psicanálise com outros”, discute os fundamentos filosóficos de três distintas concepções psicanalíticas na relação eu-outro. Os estudos de Descartes, Hegel, Heidegger, Merleau-Ponty e Jean-Luc Nancy são articulados às elaborações freudianas e kleinianas, passando por Fairbairn e Winnicott até as pesquisas da psicologia do desenvolvimento e das neurociências. Octavio Souza, por sua vez, no artigo “Empatia, *holding* e continência” também aborda o tema da intersubjetividade a partir da concepção de empatia e seus efeitos na teoria e clínica psicanalíticas, principalmente no que se refere aos processos psíquicos que ocorrem com o psicanalista em sessão, a saber, as contratransferências e as identificações narcísicas. O último artigo do livro, “Intersubjetividade, mundo interno e superego”, de Luís Claudio Figueiredo discute a articulação das dimensões intrapsíquica e intersubjetiva nas imbricações teóricas e práticas, proposta esta recentemente apontada por André Green como uma necessidade e um desafio para o campo da psicanálise. Do ponto de vista intersubjetivo, o mundo interno pertenceria ao *campo do superego*, habitados por objetos internos que não puderam ser integrados às estruturas egoicas, nem descartados. Para o autor, são exatamente esses elementos superegoicos não assimilados que são externalizados nas relações transferenciais em análise e na vida social.

De uma forma geral, a maioria dos artigos está permeada por reflexões acerca da técnica clássica de interpretação, baseada na clínica das neuroses a nas limitações para ter acesso a problemáticas mais graves de pacientes limítrofes, com falta

de representação, marcados por dificuldades de verbalização e elaboração simbólica. Esta questão é ritualizada na perspectiva da intersubjetividade, da necessidade de refletir também sobre a dimensão de uma ausência de investimento afetivo na constituição do psiquismo infantil, discutida diferentemente por cada autor. A meu ver o livro, em sua diversidade de abordagens, traz uma fértil contribuição para as reflexões acerca das relações intersubjetivas, atualizando a importância da noção de alteridade para a teoria e clínica psicanalíticas, isto é, traz o tema da alteridade e a busca da compreensão de relações intersubjetivas em toda sua complexidade e desafios. Compreender o outro no contexto psíquico, circunscrito obviamente em determinado espaço sócio-cultural, é tarefa que tem desafiado aqueles que se enveredam pelo campo da psicanálise. O trabalho psicanalítico exige, como apontou a criteriosa fundamentação freudiana, a observância da constante tensão entre aspectos internos e externos, intrapsíquicos e intersubjetivos. Sabe-se que a psicanálise passou por diversas mudanças, cujos motivos se encontram nos limites da técnica e do método diante de novas configurações psíquicas e novas configurações da experiência coletiva e social. No entanto, as descobertas freudianas fundamentais continuam sendo radicalmente estruturantes do pensamento psicanalítico, não por uma necessária ortodoxia teórica, mas pela atualidade do seu arcabouço teórico. As discussões que permeiam o livro apontam para diferentes formas de compreender a intersubjetividade, mas o que parece produzir fundamentação com maior rigor quanto à especificidade da psicanálise são as reflexões que persistem nas inspirações freudianas que afirmam relações objetais, sem abandonar a radical teoria pulsional de Freud.

Veridiana Canezin Guimarães
SEPS 705/905, bloco C, sala 141
Edifício Mont Blanc
70390-055 Brasília, DF
vericg@hotmail.com